

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

LEAL, Gilberto Roque Nunes. Gilberto Roque Nunes Leal (depoimento, 2006). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 47min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre SOUTH EXCHANGE PROGRAMME FOR RESEARCH ON THE HISTORY OF DEVELOPMENT (SEPHIS) . É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gilberto Roque Nunes Leal
(depoimento, 2006)**

Rio de Janeiro

2020

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Levantamento de dados: Amilcar Araujo Pereira;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Amilcar Araujo Pereira; Verena Alberti;

Técnico de gravação: Marco Dreer Buarque;

Local: Salvador - BA - Brasil;

Data: 16/09/2006

Duração: 1h 47min

Arquivo digital - vídeo: 2; Minidisc: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto "História do Movimento Negro no Brasil", desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o South-South Exchange Programme for Research on the History of Development (Sephis), sediado na Holanda, a partir de setembro de 2003. A pesquisa tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas com os principais líderes do movimento negro brasileiro. Em 2004 passou a integrar o projeto "Direitos e cidadania", apoiado pelo Programa de Apoio a Núcleos de Excelência (Pronex) do Ministério da Ciência e Tecnologia. As entrevistas subsidiaram a elaboração do livro "Histórias do movimento negro no Brasil - depoimentos ao CPDOC." Verena Alberti e Amilcar Araujo Pereira (orgs.). Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007. A escolha do entrevistado se justificou por sua militância no movimento negro, participando, entre outros, da fundação do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro e do Malê Cultura e Arte no início da década de 1970. A entrevista foi realizada no prédio da Faculdade de Educação da Universidade Estadual da Bahia, Uneb, durante o IV Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, realizado entre 13 e 16 de setembro, em Salvador, Bahia.

Temas: Ditadura; Esquerda; Família; Infância; Movimento Democrático Brasileiro; Movimento estudantil; Movimento negro; Preso político; Revolução Constitucionalista (1932); Universidade Federal da Bahia;

Sumário

Entrevista: 16/09/2006

Disco 1: Origens familiares em Salvador, Bahia; a participação de seu pai na Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo; a infância na ilha de Itaparica; a questão racial na família do entrevistado; o cotidiano de estudos e trabalho na adolescência de Gilberto Leal; a memória do falecido pai; a escolarização da família de Gilberto; os estudos de vestibular e o ingresso no curso de Geologia na Universidade Federal da Bahia, já em 1965; o processo de resistência na ditadura militar e as experiências anteriores à faculdade no movimento secundarista; a militância negra na universidade; as aproximações com o partido de oposição na ditadura militar brasileira, Movimento Democrático Brasileiro (MDB); as reuniões do movimento negro no Instituto Cultural Brasil-Alemanha (Icba), atual Instituto Goethe, em Salvador; a importância do Icba no processo de adoção do 20 de novembro como o dia da consciência negra; a participação no Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR); as experiências e leituras sobre a realidade social do negro em grupos de estudo; experiências profissionais e militância de Gilberto Leal.

Disco 2: A distinção, por Gilberto, do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) e o Movimento Negro Unificado (MNU); a participação no bloco afro Malê Debalê; as diferenças dos movimentos negros em seus projetos políticos e culturais em tempos de ditadura; a influência do movimento Malê, Cultura na criação de uma estética negra; a criação do Núcleo Cultural Niger Okan como um desdobramento do Malê Debalê; as aproximações da esquerda com o movimento negro no período de redemocratização; a cronologia da trajetória de Gilberto Leal no MNUCDR, MNU, Malê Debalê e Niger Okan; as manifestações do movimento negro e a eventual prisão de Gilberto em 1980 pela Polícia Federal; a repressão policial nos atos realizados em Salvador, Bahia; o centenário da abolição da escravidão em 1988 e a mudança de comemoração do 13 de maio para o 20 de novembro; o trabalho realizado pelo Niger Okan.

Entrevista: 16.09.2006

Verena Alberti - Nós estávamos aqui explicando um pouco, rapidamente, as nossas propostas. E a ideia é a gente conseguir conversar é ... começar do início com as suas origens mesmo. O Senhor nasceu aqui em Salvador?

Gilberto Leal - Nasci em Salvador. Na verdade, eu não nasci em Salvador. Nasci na Bahia, me criei em Salvador, mas nasci efetivamente na Ilha de Itaparica. A ilha em frente à Bahia de Todos os Santos, dentro da Bahia de Todos os Santos. A ilha de Itaparica, eu nasci lá. Então tenho toda ...

V.A. - Que dia?

G.L. - 15/08/1945. Então tem o lado da minha relação familiar. Dentro do povoado que eu nasci a base da minha família é da origem dessa ilha de Itaparica, de um dos povoados dessa ilha de Itaparica.

V.A. - Como era o nome do povoado?

G.L. - Porto Santo.

V.A. - E seus pais? Qual era o nome dos pais?

G.L. - Círia da Costa Lima, que é a matrona da família e o meu pai falecida já Geraldo Nunes Leal.

V.A. - O Senhor é só Gilberto Leal?

G.L. - Sou Gilberto Roque Nunes Leal, na verdade. Gilberto Leal é para simplificar de tanto nome colonizado **[riso]**.

V.A. E o seu pai fazia o quê?

G.L. - Bom, meu pai foi pedreiro e militar também. Militar, na época da vida de adulto dele, ele chegou a conviver com a revolução de São Paulo enquanto militar, mas enquanto profissão na atuação da sobrevivência social ele teve boa parte da sua vida enquanto pedreiro. Construiu algumas ... participou de algumas construções na cidade de Salvador.

V.A. - Ele foi a São Paulo em 1932, na data da revolução? Ficou dentro das tropas legalistas, não é isso?

G.L. - Sim. De Vargas.

V.A. - De Vargas. Está certo. E ele já era efetivo dentro do Exército?

G.L. - Já sim. Efetivo. Ele era efetivo. Já era militar, nunca foi graduado, mas sempre foi militar.

V.A. - E depois saiu, foi para a reserva e ...?

G.L. - Saiu, foi para reserva. Aí continuou a profissão dele de pedreiro que sempre teve, acompanhou a vida dele.

V.A. - E construiu muitas...?

G.L. - Muitas. Muitos espaços aqui: fábrica da Coca-Cola, algumas coisas conhecidas. Outros hoje não existe mais, alguns é... pontos de bonde, naquela época do bonde tinham uns pontos específicos, que era uma construção onde ali dentro o pessoal ficava, convivia, esperava o bonde, comia, fazia lanche ali, então era tipo um ... alguns pontos eram terminais, onde você ficava ali esperando o bonde. Diferente de hoje que você espera à céu aberto ou em uma pequena estrutura. Antigamente era um lugar onde tinha condições de você ficar ali esperando o bonde. O bonde passava pelo lado e pelo outro, então tinha lugar de você tomar café, quer dizer, fazer refeição rápida, etc.

V.A. - Então construiu vários desses...?

G.L. - Participou da construção de vários desses

V.A. - E sua mãe fazia o quê?

G.L. - Minha mãe sempre foi doméstica. Semialfabetizada e doméstica. E trabalhou no processo da exploração de mão-de-obra dela enquanto lavadora, lavadeira na verdade, de roupas e trabalhava para a classe média da época ou a classe alta lavando roupa desse pessoal.

V.A. - Ela lavava em casa?

G.L. - Lavava em casa e levava e eu era um na época em que crescia um dos transportadores desse produto de sobrevivência dela para manter a família porque meu pai morreu quando eu era muito pequeno. Eu ainda não tinha ... então eu fui criado por...

V.A. - Que idade o Senhor tinha quando ele morreu?

G.L. - Eu tinha ... ainda não tinha feito um ano, estava engatinhando ainda. Eu não andava quando meu pai morreu então toda a minha formação foi uma formação com base na orientação da minha mãe e depois dos meus irmãos mais velhos, que eu sou o mais novo, teve mais novo, mas depois faleceram, então eu terminei ficando como o mais novo da família.

V.A. - Quantos irmãos eram?

G.L. - Na verdade ... no total?

V.A. - Isso?

G.L. - No total nós éramos quatro homens e duas mulheres. Aí morreu um homem, uma mulher e os demais sobrevivem até hoje.

V.A. - O Senhor ficou sendo o caçula?

G.L. - Fiquei sendo. Fiquei sendo o mais novo depois que os mais novos faleceram.

V.A. - Bom, então. Aí começou a infância na ilha de Itaparica ...

G.L. - Sim. Na ilha de Itaparica e depois a gente ficava vindo a Salvador para as necessidades básicas e a minha mãe resolveu mudar para cá então fixou residência aqui e a gente só ia no período de férias lá. Mas a base da família, ou seja, meus avôs, avós todos lá na ilha de Itaparica. E aqui a gente passou a ...

V.A. - E aqui o Senhor morava em que bairro?

G.L. - Em um bairro próximo aqui, há uma área chamada Lapinha. A gente começou a viver nesse bairro chamado bairro da Lapinha e aí passamos a disputar essa possibilidade de sobreviver aqui na capital com situações de subemprego: de doméstico ou vendendo coisas, pegando coisas no ferro velho para vender, revender. Então nossa família foi sempre isso. Meus irmãos sempre trabalharam em oficinas, então era sempre emprego de segunda, terceira categoria para poder trazer a melhoria para a renda familiar.

V.A. - E na escola? Lá em Itaparica o Senhor foi para escola?

G.L. - Em Itaparica não porque eu vim também muito pequeno para cá.

V.A. - Com quantos anos?

G.L. - Os meus irmãos ... quando eu vim para cá, eu tinha uns três anos de idade, então eu estava indo começando os primeiros passos. Então comecei na escola já aqui e aí fiz todo o

processo de ter que me esforçar para me manter na escola. Na escola pública, foi sempre a minha opção porque não tinha condição de estudar em escola privada.

Amilcar Pereira - Mas antes de iniciar a vida escolar, eu queria fazer uma perguntinha sobre a família. Como é que se davam as relações em relação à questão racial. Dentro da família, a mãe tocava no assunto?

G.L. - Olhe bem! O debate sobre a questão racial só ocorria quando sentíamos o peso da discriminação racial, então marginalizado numa festa, marginalizado na circulação, não convidado para uma festa de uma família branca que, às vezes, morava no mesmo bairro, mas na condição de branco se achava melhorzinho, então toda essa situação ... de não ter roupa para ir a uma festa, essa coisa toda ... nessa situação a gente entrava sempre em uma análise dessa realidade, mas não era um envolvimento aguerrido, uma luta contra o racismo. Nós vivíamos em uma família de negros – sempre fomos uma família de negros – então convivíamos dentro desse universo, dentro do núcleo familiar, então nós não tínhamos muito impacto por não estar circulando em áreas que geralmente ocorria esse contato dos mais clarinhos, dos brancos conosco, então era casos esporádicos que a gente vivia na pele a situação da discriminação racial. O debate vinha para o seio da família de fatos em fatos.

A.P. - A gente tem ouvido em alguns momentos relatos no sentido de haver no espaço familiar uma certa prevenção “pode acontecer isso”. O assunto circulando na casa ... isso não existia?

G.L. - Não, no seio familiar sempre tinha o cuidado de que é melhor deixar de estar lá.

A.P. - Uma certa precaução?

G.L. - Para não sofrer o racismo de que ir lá para sofrer o impacto de ser discriminado. Então tinha sempre esse cuidado. Como recurso era melhor recuar para o seio familiar e ficar entre os seus do que tentar se envolver em um outro espaço e ser discriminado. Tinha realmente isso do cuidado de não causar problemas psicológicos para membros da família. Ao invés de

partir para a proatividade de enfrentar o problema era melhor se afastar da possibilidade desse confronto.

V.A. - E na escola, o Senhor sentiu ...?

G.L. - Não, como eu sempre estive em escolas de bairro, bairro, geralmente bairros negros, então não teve muito problema racial na escola. Escola pública na verdade era a escola da periferia dos meninos que iam lá com o caderno, o livro rasgado e tal, em situações de roupa rasgada, essas coisas todas. Então a realidade era mais divergências naturais entre crianças, os adolescentes, mas de confronto de racismo na escola nesse período eu não tive porque eu não fui à escola da classe média, eu não tinha essa possibilidade de ser discriminado. Tinha quando você já chega para uma fase mais de adolescente, querendo já bater asa para se relacionar com outro mundo mais distante; aí por exemplo, se você paquerava uma menina do bairro que ela era mais clarinha e conseqüentemente se achava em condições de valoração pessoal no patamar mais elevado do que o seu então você sempre era rejeitado. Ia para uma festa, ela não queria dançar com você. Essa coisa ocorre quando você caminha para o adolescente que começa a se ousar mais: a sair com uma turma, ir para uma festa mais distante, mas coisa também esporádica porque isso não ocorria todo dia. Você sempre retornava para o seu micromundo.

V.A. - E aí o Senhor foi para escola, trabalhando um pouco aqui e ali para ajudar no orçamento?

G.L. - Sim, então sempre na economia informal. Eu, por exemplo, trabalhei quando era pequeno. Ia para escola em um turno e no outro ia vender coisas em uma feira que hoje é a feira de São Joaquim, a maior feira da cidade.

V.A. - São Joaquim?

G.L. - Não. Hoje é São Joaquim, antes era uma feira chamada feira de Água de Meninos. Essa feira era a grande feira histórica da cidade, então eu ia para lá, comprava secundariamente na mão de outros algumas coisas que estavam rejeitadas, tanto que não era o

produto nobre de alguma pessoa que comprava em grosso. Então tinha sempre lá o produto de segunda categoria, a gente comprava e levava para vender para os populares que vinham para a feira adquirir produtos alimentícios e tal.

V.A. - Que produto por exemplo?

G.L. - Por exemplo, tomate, limão, verdura, coentro, hortelã. Mais nesse campo dos temperos e frutas, então a gente comprava uma fruta que estava numa situação já de caminhar para ser descartada, a gente trazia, vendia mais barato – em uma quantidade maior e um preço razoável – e como nós não tínhamos um espaço para vender, nós vendíamos no chão, colocava lá alguma coisa para proteger, colocava lá o chamado monte e a gente vendia isso aí, e aí ...

V.A. - O Senhor ia com os irmãos?

G.L. - Sim, com os irmãos. Vendia e aí o dinheiro ia para a renda familiar. Às vezes, quando podia ir para um cinema ou alguma coisa assim, cinema do bairro, que hoje tem muito pouco, mas antigamente tinha muito cinema do bairro. Então era isso: comprar roupa, comprar livro, levava comida para casa, comprava pão, essas coisas todas ... então nós éramos uma família que não tinha essa coisa da presença do pai, era todo mundo buscando a melhoria da renda familiar e minha mãe lavando roupa para a classe média.

V.A. - De qualquer forma – eu estou pensando isso agora. Não tinha a presença do pai, mas o Senhor tem a memória do pai porque sabe que ele ...?

G.L. - Sim, sim. Tenho a memória do pai porque...

V.A. - Quem informava isso?

G.L. - Sim, isso. Todos os irmãos que chegaram a alcançar ele, em uma situação de ter convívio mais ... em uma idade mais avançada com ele, então ... e minha mãe sempre contou. Tinha lá as fotos para contar a história de como é que foi ele, como é que era e tal. Então a

gente guardou essa memória do pai muito presente no período em que ele estava vivo ajudando a família.

V.A. - E seus avós paternos, o senhor teve contato?

G.L. - Sim. Tive, tive.

V.A. - Eles moravam em Itaparica também?

G.L. - Não, os meus avós paternos já eram mais para o lado de Nazaré das Farinhas.

V.A. - Farinhas? Nazaré das Farinhas.

G.L. - É uma cidade mais distante, que está lá para a região do Recôncavo.

V.A.- E então, como é que foi o percurso – nós estamos aí na escola...

G.L. - Bom, a escola foi algo muito duro. Em casa, a mãe era bastante exigente nos deveres escolares para estudar, então você ficava ansioso – como toda a criança – de ir para a gandaia, de brincar na rua, mas a mãe segurava ali até que você cumprisse suas obrigações escolares e depois te liberava e você ia lá, mas sempre com o controle do retorno. Você ficava ali brincando com as outras crianças, mas voltava para estudar, então a gente foi muito dedicado. Eu, por exemplo, no meu curso básico – que se chamava na época curso primário – então eu fui um dos melhores alunos porque tinha essa obrigatoriedade e aí eu me sentia na obrigação de dar a resposta para também ter a negociação de ter uma certa liberdade para o lazer, se é que poderia chamar de lazer. Um lazer que era também improvisado. Você não tinha brinquedo, não tinha nada, então improvisava tudo. Queria brincar de *cowboy*, de espadachim, você pegava um pedaço de pau, fazia uma espada e ia brincar porque não tinha os brinquedos que a classe média tinha na época. Então tudo você fazia: seu carro de lata, então era essa a brincadeira que a gente fazia porque eu vivi em uma situação de nível social bastante baixo! Era exatamente – eu não diria indigente – porque eu não sei, porque hoje a definição está muito pautada em outras variáveis, mas se fosse comparar seria hoje como

indigente que morava em casa que não tinha sanitário, não tinha água, não tinha energia, tudo isso. Então a gente ia carregar água em uma vasilha; lá um abaixava na fonte para trazer para encher um tonel, daquele tonel é que fazia o serviço da casa, então a minha vida foi uma vida na base, a formação básica dos meus primeiros passos foi uma vida muito dura, então eu convivi com essa realidade e ao mesmo tempo indo para a escola pública tentando dar algum resultado. Então hoje ... o resultado que eu tenho hoje de escolaridade, o resultado está aí nesse período.

A.P. - Então havia um discurso familiar de incentivo à educação?

G.L. - Sim, nesse sentido. Incentivo de mesmo se não tem o livro, se não tem a cartilha faz na mão; se não tem aquele livreto que vem para cobrir as letras, a mãe fazia as letras e você vinha e cobria por cima. Então, ela fazia a cartilha de lápis e você pegava outro lápis e reforçava, então aprender a se alfabetizar foi exatamente dessa forma porque ela era semianalfabeta. Na verdade, minha alfabetizadora foi minha própria mãe.

A.P. - E ela era semianalfabeta?

G.L. - Semianalfabeta. Então ela não teve curso praticamente nenhum. Ela não chegou a nenhum nível de escolaridade que pudesse ter um certificado ou qualquer coisa assim.

V.A. - O Senhor depois do primário fez o ginásio?

G.L. - Sim. Aí fiz. Fiz o primário, fiz o ginásio e aí fui até o vestibular, mas sempre nessa dificuldade de viver. A minha irmã que era mais velha de que eu também migrou para ser empregada doméstica. Aí foi para o Rio de Janeiro ser empregada doméstica, foi empregada doméstica durante muitos anos e de lá mandava um reforço para a renda familiar. Então gente sempre viveu nessa situação de família de recursos bastante poucos.

A.P. - Sempre em escola pública? Como é que foi o ginásio, a experiência do ginásio?

G.L. - O ginásio eu fiz no bairro da Liberdade, que era um bairro próximo. Eu vinha de um bairro muito pobre que é o bairro do Pero Vaz, que é um sub-bairro do bairro da Liberdade ...

V.A. - Pero Vaz?

G.L. - Pero Vaz, que é uma homenagem a Pero Vaz de Caminha. **[Riso]**

V.A. - Então não era mais Porto Santo?

G.L. - Não, Porto Santo era meu nascimento e meus primeiros passos. Eu já estou falando com você em Salvador

V.A. - Ah! Não, na verdade Lapinha, eu é que estou ...? Não era mais Lapinha?

G.L. - Sim, aí eu já fui ... minha mãe foi mudando para outros lugares, dependendo das necessidades e da possibilidade de economizar ia mudando para lugares que pudessem estar numa situação de maior economicidade.

V.A. - Então em Pero Vaz o Senhor já ia para o ginásio em Liberdade?

G.L. - Na Liberdade. Fiz o ginásio na Liberdade, também fiz escola técnica que era um curso profissionalizante e aí fui depois para o vestibular e aí passei no vestibular no primeiro que fiz.

V.A. - Para que?

G.L. - Eu fiz Geologia no primeiro.

V.A. - Como é que o Senhor chegou a essa ...?

G.L. - Na verdade eu fiz dois vestibulares. Como eu estudava em um grupo porque eu não tinha condição de comprar os livros, então eu estudei em grupo. Formou-se um grupo, eu não

tinha dinheiro para tomar o cursinho então eu conheci um professor de cursinho que passou a ser meu amigo. Ele era dono do curso, um dos sócios do curso. Eu dava aula de revisão e o meu curso era de graça. Então eu dava aula de revisão no curso de Física, Matemática e o meu curso saía de graça e para ... eu ainda não era ... eu era candidato ao vestibular, à universidade então para compensar algumas debilidades de algumas outras matérias a gente formou um grupo de estudos que ficava estudando lá. Nessa época inclusive eu corri um grande risco porque eu tinha ... com essa base de incentivo ao estudo da família - ainda que uma família pobre - sem essa consciência de como é construir o futuro. Minha mãe não tinha essa visão, tinha a visão de que aquela vida era tão miserável que tinha que melhorar, não tinha uma projeção de futuro, de me ver hoje inclusive nessa condição de ter passado pela universidade. Mas isso me causou também bastante incentivo para estudar e me criou um certo gosto por estudar, então tendo estudado bastante, eu achei que devia ter o compromisso de passar no vestibular de imediato e esse grupo que eu estudava, eles não tinham o interesse por essa área de geologia. Todos eles eram interessados pela área de Medicina porque parte deles eram da classe média e estudava nesse curso pago. Eu não pagava porque fazia as revisões no curso, então o que ocorre aí nesse período? Eu queria garantir que não ficasse diante de alguns outros colegas que tinham todas as condições sociais e certamente tinham uma base boa e que por ter vindo de escolas privadas iam ser aprovados no vestibular eu disse: “olha eu não posso perder porque senão eu vou ficar desmoralizado”. Então eu estudava mais do que meu corpo aguentava estudar, então eu levava noites inteiras estudando e, às vezes, emendava no outro dia sem dormir. Então o que ocorreu? Eu aí passei a tomar entorpecente para não dormir, reativar, reativador na verdade. Então eu comecei a usar uma pílula na época que era, exatamente uma droga da época, que chamava *Perventin*, não sei se vocês já ouviram falar ... Então essa pílula é uma pílula que tomava para você não conseguir dormir. Era uma pílula que você tomava. Aí eu associava a café e Coca-Cola então eu fiquei viciado nisso e quase eu vou para as drogas direto porque eu queira estudar o maior número de horas possível. Só para você ter ideia de um fato que ocorreu comigo. Eu estudava no próprio curso. O curso acabava, eu ficava lá dentro estudando, às vezes com esse grupo, às vezes não. Eu ficava lá dentro estudando e ia até de manhã e passava a ser praticamente vigia desse curso. De vez em quando eu ia em casa de minha mãe para revisá-la, que morava no bairro e em um desses dias que eu fui em casa, aí eu fui, cheguei no ponto de ônibus e fiquei esperando o ônibus. Aí eu tinha umas quarenta e tantas horas e dormi no ponto encostado no

poste e quase caí, depois quando eu acordei eu já estava quase no chão e alguém estava me segurando; então foi isso que me levou a ter essa ênfase de estudar bastante. Foi essa base e incentivo de minha mãe e que me levou a exagerar. No dia em que eu fui fazer vestibular, eu não queria fazer aquela preparação de “não, um dia antes, vou ficar sem estudar”. Eu estudei até a época. Eu estava indo no ônibus e ainda estava lendo. Eu não me conformava. Bom, e como essa turma ia fazer Medicina então a turma disse: “Ah, rapaz! Vamos fazer Medicina também!” Eu disse: “Eu não tenho interesse pela Medicina” ... “Tudo bem a gente vai fazer na Baiana, a gente vai fazer uma vaquinha, aí paga a sua inscrição”, então ... porque tem uma escola privada de medicina aqui na Bahia.

V.A. - Escola Baiana?

G.L. - É, Escola Baiana de Medicina, que é uma escola que não é da federal, é uma escola privada que está no circuito aí das escolas mais ... das católicas, mas ela é privada, de um grupo específico. Então eu fiz esse vestibular também passando em Medicina, e passei na Geologia que era o que eu queria, só que eu não me matriculei porque eu não queria Medicina. Então eu terminei passando nos dois vestibulares, mas não cursei Medicina porque não tinha interesse. Fiz o teste inclusive e disseram: “ah rapaz! Medicina é bom, vamos lá no Instituto Médico Legal, a gente assiste a uma aula lá ...! E foi exatamente o que resultou de eu não querer porque quando eu vi lá um cadáver aberto **[riso]**, o cara cortando um braço do cadáver, eu digo: “não, não é para mim!” Então eu desisti da Medicina.

V.A. - Como é que o Senhor conheceu este professor do cursinho?

G.L. - Bom, este professor eu conheci porque ele era irmão de um amigo que eu fiz durante a vida, era irmão de um amigo que morava em um bairro chamado Barbalho. Nesse bairro ... aí essa família morava no bairro, aí eu fui amigo do irmão dele e depois, ele como professor de Matemática criou o curso; aí eu fui para lá, fiz essa amizade, terminei tomando esse cursinho com ele nessa troca de dar aula de revisão e fazer o cursinho gratuitamente e que me levou a passar no vestibular logo na primeira vez. A primeira vez que eu fiz já passei de uma vez.

V.A. - O Senhor fez o vestibular com que idade?

G.L. - Ah! Eu fiz com dezenove anos. Tanto é que com...

V.A. - Então em 1954?

G.L. - É, exatamente. Não espera aí ...

V.A. - Não! Em 1964? Desculpe...

G.L. - É foi em plena ditadura militar

A.P. - Então ... pois é Geologia em 1964 não era uma carreira muito conhecida ...

V.A. - Pois é, eu estou aqui espantada ...

G.L. - Não, não era não.

V.A. - De onde o Senhor tirou isso?

G.L. - Porque eu tive essas leituras: de Geologia, de geólogo e pegava jornal, pegava revista, revista velha e ali eu me animei por essa coisa da pesquisa geológica, da vida do geólogo, do campo e tal ... aí eu me animei, terminei indo e fiz o vestibular, ninguém tirou da cabeça e fiz, queria fazer ... tanto é que eu não aceitei ir para Medicina, até porque também eu não poderia pagar, era um outro fator, mas isso não foi o determinante. O determinante é que eu não tinha interesse pela Medicina, assim como eu não tenho ...

V.A. - Também fiquei espantada com Geologia em 1964. Como é que chegou a essa carreira, não tinha ninguém ... e na família, tinha alguém que tinha feito curso superior?

G.L. - Não, não. Meu irmão fez Direito depois que eu fiz, depois que eu já estava inclusive formado. Ele era mais velho, mas ele entrou por outro caminho porque também com as dificuldades terminou como sendo Polícia Militar, aí fez um concurso para Polícia Federal, aí

ele se animou com essa parte da carreira policial e terminou resolvendo fazer vestibular; passou em Direito, cursou Direito ao tempo que já era militar mesmo e na Polícia Federal ... e depois sempre foi delegado da Polícia Federal. Ele conseguiu fazer um concurso, passou a ser delegado e aí se aposentou como delegado. Hoje ele já está aposentado.

V.A. - Então o Senhor entra na faculdade em 1955, em 1965, desculpe. Fez o vestibular com dezenove anos e entrou em 1965?

G.L. - É, exatamente.

V.A. - Na Universidade Federal da Bahia?

G.L. - Federal, federal. A escola não era nem essa que é hoje porque é um prédio novo. Era no Canela.

A.P. - E como é que era nesse início da universidade, essa ...

G.L. - Bom, eu peguei a dureza da ditadura militar e a escola de Geologia na época era a escola mais politizada no conjunto dos cursos da universidade. A que puxava as grandes passeatas ... e aí iniciou-se ... começou um pouco no curso médio porque eu já vinha daqueles conflitos com as sociais e eu participei nos últimos anos do meu curso médio.

V.A. - Como?

G.L. - Nos conflitos sociais, tinham os conflitos, os confrontos que resultou nesse processo do golpe de 1964, então já tinha ...

V.A. - O Senhor participava de que?

G.L. - Participava do movimento estudantil, no início do movimento estudantil.

V.A. - Como estudante secundarista?

G.L. - Como estudante secundarista. Aí foi que começou o meu envolvimento mais ... porque eu me envolvi muito com o esporte durante um período do curso médio, muito com o esporte.

V.A. - Qual esporte?

G.L. - Atletismo e basquete. Joguei muito atletismo e basquete. Joguei campeonatos locais, nacionais e tal ... aí já é minha vida de ... se inserindo a partir da minha formação escolar ... me inserindo aí em algumas questões mais sociais, já adentrando aí em uma vida social mais dinâmica. E aí nessa jogada de me envolver com os esportes, eu me envolvi também com alguns deles que estavam envolvidos com a política, então por atração, por uma questão política aí eu já fui deixando o esporte um pouquinho mais de lado, dividindo o tempo e participando mais politicamente. Quando eu cheguei na universidade, eu já cheguei com um nível inicial de politização bastante razoável; e aí entrei numa escola com um nível de politização alta, puxando inclusive essas coisas do movimento estudantil no nível superior, aí eu já fui ... os confrontos com a polícia, da época do bipartidarismo, daí fui me envolvendo com todos esses confrontos com a ditadura militar; tomei consciência também mais efetiva da minha vida enquanto militante político *e negro* nesse período também. Eu passo a encontrar alguns militantes negros já inseridos na causa racial, já venho com uma visão de esquerda, uma visão mais socialista e aí se encontra com a minha tomada de posição no convívio com esses militantes negros e essa minha formação política mais geral, por dentro da esquerda, passa a ser também mesclada com a militância negra e aí essa militância negra passa a me absorver mais de que essa militância político-partidária de esquerda.

A.P. - Isso é o que nos interessa mais particularmente. Como... quem são esses militantes que você conhece na universidade, esses militantes que já estavam com a causa racial e como é que dá esse seu início de tomada de opção por essa militância? Como é que se dá esse processo?

G.L. - Olha, na universidade alguns militantes ... esses militantes não me acompanharam no processo. Eles tinham uma militância em cima da questão racial – que serviu para minha aproximação – mas, ao longo do tempo, eles foram tocando a sua vida; depois de estudantes,

formados e tal e eu continuei na militância negra. Então os militantes que eu considero que na década de 1970 – final da década de 1960, pegando a década de 1970 e indo até o final dela – que são as referências na minha vida de estar irmanado dentro dessa trincheira da luta negra, são os meus militantes que eu convivi no início do contato com essa bandeira de luta e dessa consciência de me enxergar além de ser ... enquanto um ser social, combatente da opressão, da ditadura militar, também me enxergar como um ser de uma luta específica negra. Então eles me fizeram enxergar isso, mas não acompanharam isso. Eu passei a me capacitar dentro dessa área já encontrando outros militantes.

V.A. - Então quem são esses primeiros e quem são os segundos?

G.L. - **[Riso]** Bom, esses primeiros eu não os vi mais.

V.A. - Certo. Mas quem são? Vinham de onde? Estavam na Faculdade de Geologia também? Não?

G.L. - Não, não. Alguns estavam na Faculdade de Geologia, então por exemplo um estudante da faculdade chamado por exemplo João Almeida. Então esse João Almeida foi um dos militantes que eu convivi.

V.A. - E ele trouxe para o Senhor que tipo de ideais que o Senhor não tinha conhecido?

G.L. - Sim, essa questão de além de um ser oprimido dentro de uma sociedade ... da relação de opressores e oprimidos, você também é negro, então ele me deu essa visão.

V.A. - E de onde ele tinha essa visão?

G.L. - Ah ... aí eu já não sei. Já o encontrei vivenciando essa questão da sua condição de negro.

V.A. - E ele era negro?

G.L. - Negro, negro, negro.

V.A. - E era da Faculdade de Geologia?

G.L. - Da Faculdade de Geologia.

V.A. - E outros?

G.L. - Então ... esse seria o João Almeida. Eu tinha uma outra companheira também chamada Dinalva, que aí também era uma companheira negra que onde eu estive ...

V.A. - O Senhor lembra do sobrenome ou não?

G.L. - Dinalva Monteiro.

V.A. - Também na Faculdade de Geologia ou ela fez outra faculdade?

G.L. - Ela vinha de outra faculdade, vinha da Faculdade de Filosofia.

V.A. - E vocês se encontravam a onde?

G.L. - Se encontrava no movimento, aí era no movimento estudantil da universidade porque era ... o movimento na verdade era um encontro, um aglutinamento de vários cursos. Para ir para a rua, para enfrentar ... de vários cursos, então aí eu passo a adicionar a minha militância essa condição de uma militância negra porque aí quando vem para meados da década de 1970, eu passo a encontrar outros militantes que já vêm também com uma formação de militância negra.

V.A. - Quem são esses?

G.L. - Bom, então a gente passa a encontrar aqui na Bahia por exemplo: Lino de Almeida, Aleibe Cartead, Antônio Godi. Então são pessoas que eu já encontro vindo da universidade,

já saindo também estudante da universidade, mas já saindo dela com esse alicerce de formação política negra.

V.A. - E onde o Senhor encontrou essas pessoas?

G.L. - Encontro no início do movimento negro, mais organizado na Bahia.

V.A. - Onde?

G.L. - Que é exatamente o movimento que se organiza por dentro dos partidos na periferia da época dos partidos do MDB; que era o MDB a única oposição do período. O MDB que a contrapartida era a Arena então a gente – como vem com uma visão mais para a esquerda – a gente se encaixa ... nessa época não existia o Partido dos Trabalhadores (PT), então vai tendendo a se aproximar desse conjunto de aliados, parceiros, não negros, mas no campo da esquerda que se opunha ao regime da ditadura militar.

V.A. - O Senhor era filiado ao MDB?

G.L. - Não, não cheguei a ser filiado, mas trabalhávamos próximos disso aí, então enquanto movimento organizado na Bahia a gente trabalhava se reunindo, debatendo e enfrentando uma luta de duas vertentes: tanto enfrentando a direita, opressora e reacionária como também dentro do campo da esquerda aqueles que não admitiam a bandeira específica da luta racial por dizer que bastava uma luta em prol de uma sociedade justa que essas questões da discriminação racial se resolveriam; e nós dizíamos que não porque aí encontrávamos no convívio com os brancos mesmo de esquerda muita postura também danosa à condição de respeito à cidadania negra. Muita postura racista, de discurso racista, então tudo isso a gente encontrava dentro da própria esquerda que a gente convivia. Entendíamos que nós éramos parceiros em comum em uma bandeira mais geral, mas na bandeira específica ficava por nossa própria conta enfrentar.

A.P. - E nessas discussões, nesses encontros, vocês foram se reconhecendo e se encontrando: Lino, Antônio, Aleibe, ...

G.L. - É. A Leninha, então são pessoas que ...

V.A. - Leninha? O Senhor sabe o sobrenome dela?

G.L. - Ah ... agora não, não sei, não, me lembro o sobrenome dela, não.

A.P. - E vocês chegam a montar algum grupo específico para discutir a questão racial?

G.L. - Olha, a gente chega a montar grupos. No primeiro momento do Movimento Negro em Salvador que antecede ao ato de São Paulo; esse primeiro momento foi o da criação de alguns grupos. Por exemplo, o grupo mais – digamos assim – antigo do Movimento Negro Baiano desse período da década de 1970 já aí seria o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro. Essa entidade que foi fundada no primeiro período da década de 1970. Foi em 1972, 1973 que começou a se formar esse grupo que se consolidou como um grupo de debates, de estudo sobre a questão social negra e aí eu poderia dizer que era um grupo seletto em termos de ... seletto não do ponto de vista do elitismo da palavra, mas seletto no ponto de vista de que eram pessoas, cabeças preocupadas com a questão e que se sentiam na obrigação e na necessidade de se preparar para esse debate; para esse debate na sociedade e para o enfrentamento disso entendendo que precisam ter um olhar mais internacionalizado sobre a realidade do negro para se capacitar, acumular conhecimento para fazer a luta local, então ter uma visão global para agir localmente. Essa era a visão que esses militantes tinham. Esse núcleo se formou muito – nós nos reuníamos, não tínhamos sede, não tínhamos espaço físico, então nos reuníamos em diversos lugares, até na sede do Instituto Cultural Brasil Alemanha (Icba) por mais incrível que seja. Era um espaço que tinha uma biblioteca, a gente ficava lá comendo os livros e a gente terminava se reunindo muito lá e eu ...

V.A. - Onde ficava o Icba?

G.L. - No centro da cidade.

V.A. - Na Sete de Setembro? Onde é hoje?

G.L. - Na Avenida Sete. Ainda é até hoje, no mesmo lugar. Então nós nos reuníamos lá e preparávamos ...

V.A. - Mas tinha alguém conhecido na biblioteca? Alguém tinha conhecido ... não, eu digo assim ... quem foi a pessoa que disse assim: “então vamos lá, vamos nos reunir lá?”?

G.L. - Tinha, tinha. Olha, quem convivia já dentro do Icba, fazendo uma parte de cinema e negro era o Luiz Orlando que acabou de falecer muito recentemente.

V.A. - Luiz Orlando?

G.L. - Luiz Orlando. Um dos militantes que faleceu recentemente. Então o Luiz Orlando seria um dos elos disso. Manoel Almeida ... Luiz Orlando era ... participava da ocupação de um espaço dentro do Icba que era o grupo que trabalhava com a questão do cinema, então ele já era uma pessoa atuante na estrutura do Icba, enquanto negro, mas tinham outros negros que frequentavam a biblioteca como estudioso de Sociologia por exemplo, da bibliografia ligada mais à Sociologia, então esse era o Manoel Almeida, que já também já faleceu e Lino de Almeida que também já faleceu e Roberto Santos. Então Lino de Almeida, Roberto Santos e Manoel Almeida eram pessoas que frequentavam a biblioteca do Icba. A biblioteca do Icba é uma biblioteca muito rica e aberta ao público; muito rica em livros de concepções filosóficas, políticas, livros sobre a questão de África, sobre a internacionalidade então a gente ia para lá para fazer esse estudo e absorver conhecimento, então ...

V.A. - Por que a biblioteca do Icba tinha livros sobre África?

G.L. - Sempre teve.

V.A. - Então, por quê?

G.L. - Aí não sei, me parece que é fruto dessa história de estar no Brasil, ser uma cultura considerada como cultura de primeiro mundo e conseqüentemente tendo um curso de

Alemão, curso de línguas, tinha na sua biblioteca elementos, às vezes em Inglês, às vezes em Alemão, a gente tinha que encontrar alguém que pudesse fazer esse processo de tradução para a gente. Tinha muita música, muitos discos de África, sobre África, de música africana, então a gente tinha interesse em escutar, eles tinham uma cabine para escutar música então por que não desfrutar dessa particularidade já que não pagava nada por isso, então a gente utilizava muito.

V.A. - E o Senhor conheceu o Luiz Orlando onde?

G.L. - Nesse espaço, então já era encontrando os militantes e participando de debates e ele já se integrando a esse grupo de movimentos que se formava na Bahia. Então primeiro o Grupo Cultural Afro-Brasileiro, depois o Malê, Cultura e Arte, outro grupo que se formou, então foram se formando grupos e subgrupos que começou a criar a onda do Movimento Negro na Bahia desse período da década de 1970.

A.P. - Então, mas em que ano esse Núcleo Cultural Afro-Brasileiro?

G.L. - Em 1972, 1973, por aí se formou esse grupo. Na verdade, eu diria que para esse período do que a gente poderia chamar do período da ditadura militar para cá, da década de 1960 e da retomada mais contundente do Movimento Negro, na Bahia, esse foi o primeiro grupo. Esse foi o primeiro grupo de um Movimento Negro mais político, mais reivindicatório, mais contestatório, foi esse o primeiro grupo que se formou na Bahia; porque os outros que existiam eram grupos culturais. Aí é outra linha do Movimento Negro, que se considera Movimento Negro. Esse conjunto que eu acho que é parte de uma das vertentes do Movimento Negro, que seriam os que trabalhavam mais na performance cultural, os grupos mais voltados para o carnaval, para a capoeira e tal então esses grupos já existiam espalhados. Agora, com uma vertente de fundamentação política, sociopolítica, aí esse grupo foi o primeiro, depois veio o Malê, Cultura e Arte

A.P. - Em que ano?

G.L. - Depois, mais adiante, oriundo de estudantes negros da Escola de Belas Artes veio um grupo chamado Palmares Inharó, que trabalhava a cultura negra e a cultura indígena.

A.P. - Esse Malê é de que ano?

G.L. - Esse Malê, Cultura e Arte, ele veio um pouco depois. O Malê, Cultura e Arte veio pelo período aí de 1977, veio por aí, 1976, 1977...

V.A. - Então, esse grupo ... eu fiquei mais curiosa com relação ao Luiz Orlando. O Luiz Orlando também tinha formação superior?

G.L. - Não, o Luiz Orlando, não. Nunca teve. Era um cara preocupado com a questão do negro no cinema, então como na Bahia tinha um grupo de cinema, ele se aproximou disso, foi se envolvendo com isso e passou a ser praticamente na época – e eu não quero ser exagerado – mais senão o único negro, talvez um dos poucos negros que se envolveu com o cinema; e ele ficou até a morte dele, que se deu há um mês atrás, ficou sempre envolvido nessa área de cinema, com videoteca, então na medida do ...

V.A. - Então o Icba tinha uma espécie de cinemateca e lá é que ele atuava?

G.L. - Exatamente. O Luiz Orlando atuava, tanto é que a referência do Icba...

V.A. - Ele era funcionário do Icba?

G.L. - A referência do Icba, só para vocês entenderem, porque o Icba – eu acho que você está bem preocupada com isso, mas o importante é o fato. O Icba foi tão referência para quem militou politicamente nesse período que – pouca gente no Brasil sabe disso – a aprovação do dia 20 de novembro para o dia da consciência negra se deu na Bahia e se deu dentro do Icba em uma assembleia geral em plena ditadura militar porque... sabe por que isso? Porque a polícia, a polícia repressora, baseada no AI-5, pelo ato institucional da repressão que batia, prendia ..., não que na época quando a gente ... aí já depois do ato de São Paulo, quando se fundou o MNUCDR, que não é a mesma coisa do MNU, para que não se confunda isso, o

MNU é filho do MNUCDR. Então quando se fundou o MNUCDR, que a gente aqui deu o apoio, mandou uma carta de apoio já com o Movimento Negro Baiano existindo - nós somos anteriores ao ato de São Paulo, o Movimento Negro Baiano é anterior ... não sei se em outro estado ... eu aqui não domino se em algum outro estado houve Movimento Negro organizado antes dessa retomada das escadarias do Teatro Municipal de São Paulo em 1978, mas nós aqui sim! Sem dúvida! Porque eu fui um dos redatores dessa carta de apoio ao ato de São Paulo. Nós não fomos ao ato de São Paulo, mandamos uma carta de apoio. Nós fomos à primeira assembleia (no Rio de Janeiro, que se deu no IPCN, o Amauri participou, seu pai participou) ... então, voltando à questão, como nós estamos em plena ditadura militar, nós procuramos um lugar para se reunir em assembleia e, dentro do AI-5, falar que o Brasil era um país racista, era subversão e consequentemente sujeito a todas as penalidades. Era subversivo e subversivo é cadeia, porrada e qualquer coisa mais. Então nós convivíamos com isso: com a luta negra em pleno período da ditadura militar, com o cassetete e a porrada da polícia, o braço armado e a ditadura batendo firme na gente. Eu sei que muita gente fala: “ah não, nós temos um movimento cultural que também se desenvolveu no período”. Mas não enfrentava a ditadura militar e não era um movimento de contestação política, era um movimento de ocupação de espaço estético e era real, ainda é até hoje *muito*, mas quem começou com o processo na Bahia de movimento político contestatório enfrentando os poderes constituídos de repressor foi o Movimento Negro organizado, organizado a partir desses pilares que se teve. Então como nós éramos perseguidos pela ditadura militar – e não o movimento cultural – nós sofremos isso também. Não conseguimos um lugar para fazer essa assembleia, aí já em 1978. O que é que acontece? O Icba como sendo território internacional e que a polícia não poderia invadir, o diretor, que convivia já com essa nuance de debate negro lá dentro – que a gente ocupava sempre espaço lá, convivia, frequentava – cedeu espaço e aí topou a briga por ser um território que a polícia não poderia invadir. Então a criação do Dia Nacional da Consciência Negra foi na Bahia e foi dentro do Icba, contraditoriamente em um território alemão, não é? **[Risos]**. Mais branco do que isso não poderia ser. Esse é um pedaço da história porque o Icba passou a ser tanta referência, mas foi fruto dessa coisa do Luiz Orlando, do Manoel Almeida, do Roberto Santos, que foram esses que conviviam lá.

V.A. - E o que vocês discutiam exatamente nesse momento?

G.L. - Bom, nós discutíamos essa realidade da presença do negro na sociedade brasileira, da ausência do negro na universidade, da marginalização, dos estereótipos colocados sobre o negro. Então nós éramos grupos de estudo e de ação política. Nós fazíamos a preparação e íamos para o confronto político tanto daqueles que poderiam ser em algum momento nossos aliados e que resistiam a entender a importância disso, como também aos nossos inimigos comuns que era diretamente a direita opressora, concepção branca e também, às vezes, tivemos que enfrentar o que os outros irmãos e irmãs negras que atrapalhavam o avanço dessa trincheira que a gente trabalhava.

V.A. - Atrapalhava como?

G.L. - Atrapalhava no sentido de achar que a luta não era por aí, que fazer o Movimento Negro era racismo ao contrário, nós entendíamos que não. Entendíamos que ter luta específica, mesmo propondo uma sociedade igualitária, nós tínhamos que ter a nossa bandeira específica porque o racismo estava implantado. Então era denúncia de jornais que diziam “emprego com boa aparência”, que significava rejeição à mulher e ao homem negro na oportunidade de emprego; nós conseguimos tirar isso, inclusive na Bahia. Conseguimos excluir isso dos anúncios de emprego no estado da Bahia.

V.A. - Como conseguiu? Não existiu mais?

G.L. - Conseguimos com denúncia, com ação jurídica, com a ação de frente de jornais; nós conseguimos retirar isso, tanto é que, não hoje, hoje acho que talvez não exista mais nenhum jornal no Brasil que coloque isso. Colocar explicitamente não colocam que tem que ter boa aparência para ser admitido em determinado emprego, mas com certeza essa situação no caso da Bahia foi fruto da nossa luta, a luta de ter que enfrentar essa marginalização no mercado de trabalho.

A.P. - Eu estou pensando aqui uma coisa aqui que eu achei interessante que é o seguinte, até mesmo pela sua fala de que não tem certeza se havia já um movimento anterior ao de 1978, à fundação do MNU ...

G.L. - É, porque na época nós éramos bem domésticos. A nossa militância era na Bahia, nós fazíamos esse contato com a militância na Bahia. Quando nós passamos a integrar o MNUCDR que passamos a ter uma interrelação nacional, aí eu passo a conhecer o seu pai, passo a conhecer outros militantes: Iedo, vai por aí ... Januário Garcia, Miltão e aí vai os grandes mais históricos. Abdias do Nascimento retorna da sua vida fora do Brasil, passa a integrar ... vem à Bahia, passa a conhecer Lélia Gonzalez, que também vinha à Bahia nesse processo, então ...

A.P. - Então, estou pensando aqui antes. A gente acredita, até ouvindo as outras entrevistas e pesquisando mesmo, que o 1978 só foi possível porque havia já uma massa crítica, já havia organizações, já havia IPCN, já havia Simba, já havia Cecam em São Paulo, já havia vocês aqui na Bahia, então já há um espaço político concreto para que houvesse esse ato.

G.L. - Concreto e minimamente organizado e quando nós fomos na primeira assembleia no Rio de Janeiro, em setembro no IPCN, depois do ato de São Paulo, que foi a primeira assembleia nacional, e nacional vírgula, no Rio de Janeiro tinham o que? Cinco estados, então observe que estávamos iniciando a questão da nacionalização da luta negra, da retomada da luta negra nacionalizada; depois da Frente Negra talvez a mais nacionalizada.

A.P. - Então, eu gostaria de saber o seguinte. Você me diz que manda uma carta de apoio porque você soube antes de acontecer. Como é que se dá esse primeiro contato, essa informação, como é que é ...?

G.L. - Está bom. Nós recebemos o contato, a partir da organização do ato em São Paulo manda para a Bahia sabendo que já existia esse movimento porque a gente ... alguns circulavam, iam a São Paulo e voltavam, então manda para um endereço nosso aqui na Bahia, da nossa organização e aí consulta a gente sobre a possibilidade de dar esse apoio. A gente aí faz uma reunião, faz uma assembleia, dá o apoio e faz a correspondência e envia para lá, essa carta chegou lá e foi lida em São Paulo no ato.

A.P. - Mas teria como especificar um pouco mais como é que se dá: quem é a pessoa que ia para São Paulo? Para que ela ia a São Paulo? Para a gente chegar nesse mapeamento de como é que chega essa informação e como é que vocês enviam essa carta.

G.L. - Olha, o mais circulante na época era Lino de Almeida, então a carta chegou muito em cima da pessoa de Lino de Almeida. Nós nos reuníamos e ...

A.P. - E ele fazia o quê?

G.L. - Lino de Almeida, o que é que ele fazia?

A.P. - É, para ir a São Paulo ...?

G.L. - Olha, eu não sei, confesso que não sei que tipo de atuação tinha Lino na sua vida particular para essa presença e essa relação, mas ele nacionalmente era o mais relacionado. Então, certamente a carta veio pelo endereço dele por causa dessa relação mais nacionalizada de Lino de Almeida.

A.P. - Está certo.

V.A. - O Senhor falou que faziam também grupo de estudo. O que é que vocês estudavam?

G.L. - Isso. Nós partimos também para o estudo da Sociologia, dos postulados acadêmicos da Sociologia e também pegava esses elementos e utilizava como instrumentos para analisar a realidade social do negro no Brasil. Então nossas referências passavam a ser aqueles primeiros negros que discutiam isso na Bahia. Algumas pessoas já começavam a discutir a partir da academia a realidade do negro. Então começava a entrar também de uma forma mais contundente na academia com essa pauta sobre a questão racial.

V.A. - Que livros? Que autores?

G.L. - Olha, os livros que nós líamos evidentes demais eram Clóvis Moura, Florestan Fernandes, então eram pessoas que começavam a ... não só livros, mas artigos, etc. eram as pessoas que eram referências na literatura nacional em termos da questão racial.

V.A. - E sobre África?

G.L. - Bom, sobre África nós líamos livros traduzidos. Por exemplo Frantz Fanon, traduções desse livro, então era tomar emprestado ...

A.P. - Qual livro? “Condenados da terra”?

G.L. - Sim, “Condenados da terra” era quase que uma bíblia, então a gente lia muito essa coisa e também muita matéria, a gente conseguiu revista sobre África, então o Movimento Negro se formou muito ... o seu pensamento de afro-brasilidade se formou muito com referência em algumas lideranças negras americanas e em todo o processo das lideranças dos países da linha de frente nos processos de libertação africana. Então as referências: Amilcar Cabral, Agostinho Neto, Samora Mashel então eram essas as referências que a gente tinha que acompanhar, o legado que eles deixavam na época para a formação da consciência negra.

V.A. - E quanto aos americanos, quem é que ...?

G.L. - Quanto aos americanos, Malcolm, Luther King ... eram essas as pessoas que a gente tinha como referência.

A.P. - E esses livros? Existiam livros de Amilcar Cabral, esse pouco ... como é que chegava?

G.L. - Olha, na verdade a gente ia lá na biblioteca e, às vezes, alguns a gente subtraía **[riso]** e socializava na galera, mas eram muitos artigos, aqueles pedaços de papel para lá e para cá, xerox ou então mimeógrafo, porque naquele tempo às vezes não tinha nem a própria coisa que a gente rodava. Digitava um texto e rodava para socializar para a galera.

V.A. - Nem digitava ...

A.P. - Datilografava ...

G.L. - Ah é, datilografava, exatamente, digitar é muito moderno. **[Risos]**

V.A. - Outra coisa, ao mesmo tempo o Senhor já tinha saído da faculdade e eu queria saber assim, o Senhor não comia de Movimento Negro, não conseguia comer, se alimentar nessa prática. Como é que era continuar a vida profissional?

G.L. - Bom, quando eu saí da universidade, eu saí praticamente empregado, então eu tive essa facilidade de sair ...

V.A. - Aonde?

G.L. - Eu trabalhei no Departamento Nacional da Produção Mineral na Bahia. Esse foi meu primeiro emprego. Eu já saí praticamente empregado. Tive essa facilidade de já ter uma renda, talvez aí a minha primeira renda significativa. Daí em diante, mudando, aí saí do Departamento, fui para outros órgãos, outras empresas, empresa privada, aí ...

V.A. - Quais empresas? O Senhor não ficou lá muito tempo por quê?

G.L. - Bom, aí foi por opção. Eu achei que já devia sair e aí fui para outras empresas privadas: Tecminas... aí também queria experimentar outras áreas da Geologia. Eu comecei trabalhando com a área de mineração, mas depois trabalhei com Geologia de Engenharia, trabalhei com meio ambiente. Inclusive eu terminei me especializando em Geologia Ambiental. Hoje eu sou geólogo ambiental.

V.A. - Geólogo ambiental. Já é aposentado?

G.L. - Não, ainda não sou. Estou próximo.

V.A. - Trabalha?

G.L. - Eu estou na Uneb. Em um centro de pesquisas aqui da Uneb, que não tem dinheiro, então a gente não faz nada [risos]. Centro de pesquisas para negros e índios, que é o Cepaia: Centro de Pesquisa de População Afro-Indo Americanas.

A.P. - Que inclusive está apoiando aqui o congresso.

G.L. - Está apoiando o congresso, mas não tem grana, nunca teve na verdade.

A.P. - Mas e assim, eu fico pensando há a ... vocês liam revistas? Havia notícias dos conflitos nos Estados Unidos, dos conflitos na África, para além dos livros e do material do Ieba circulavam na sociedade ...?

G.L. - Sim, sim. Jornalecos e tal, a gente ... e também os jornais que a gente recuperava “Afro-Latin American”, “No verso” então a gente tinha ... começou dessa questão de nacionalizar a partir da fundação do MNUCDR, que na verdade teve vários momentos. Eu até estava conversando como Amauri noutro dia sobre isso. Primeiro foi MMUCDR, depois o Rio de Janeiro inseriu a palavra negro, com muita discussão, foi a proposta que veio do Rio de Janeiro; aí ficou MNUCDR e que depois passou a MNU porque eles optaram por sair da condição de ser frente para ser apenas uma entidade. Então, na verdade, o MNU hoje é filho do MNUCDR, que é um movimento por isso Movimento Negro ... aí foi criado dentro dessa ... dentro o IPCN era filiado, era dentro do MNUCDR, O Cegan e aí vai; várias organizações. Nós aqui da Bahia, eram várias organizações dentro do MNUCDR. Então quando ele passou a criar um estatuto enquanto entidade nacional e não mais uma frente, essas entidades todas escorregaram, foram para fora.

V.A. - Quando foi isso?

G.L. - Isso foi ... O MNUCDR na verdade, ele durou um ano e aproximadamente três ou quatro meses de vida, enquanto MNUCDR. Em Minas Gerais teve uma assembleia decisória que optou por isso e aí eu levei mais alguns meses e depois saí. Eu só vivi enquanto MNU

pouquíssimos meses. Então eu sou militante do MNUCDR na minha história e não do MNU hoje, que é filho dele.

V.A. - E o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro daqui de Salvador também saiu?

G.L. - Ah sim, todos. Todos que estavam dentro passaram a exercitar a sua identidade enquanto entidade.

A.P. - Mas o Núcleo Cultural não chegou a ter ata ou estatuto, **[inaudível]** ?

G.L. - Sim, formalmente teve tudo. Tem aí. O Lino faleceu, a esposa dele readquiriu e está hoje tentando rearticular o Núcleo Cultural. Estão até com uma sede aí porque os dois como eles eram muito assim sedentos de conhecimento, eles acumularam uma biblioteca muito grande. Hoje os dois faleceram, tem essa biblioteca e a esposa e a família de Manoel Almeida estão procurando um espaço para colocar isso e abrir uma biblioteca com o nome dele.

V.A. - Quem é que o Senhor está falando que era sedento de conhecimento, Lino ou ...?

G.L. - Tanto Lino como Manoel Almeida, como Roberto Santos também. Então eram pessoas que ... porque como eu disse nós éramos um grupo de estudo e de ação política, então nós íamos buscar o conhecimento. É diferente de hoje, quando entra a juventude no Movimento Negro. Entra e tal e pega a periferia do conhecimento, os rodapés da página, as orelhas do livro então... mas no nosso caso quando a gente começou, a gente foi fundo. Questionamos a universidade muito. Então¹ nós íamos para o debate com os acadêmicos e nós não éramos acadêmicos. Nós não éramos acadêmicos de estar militando isso dentro da universidade, entendeu? Eu me formei na universidade, mas os outros não; não se formaram na universidade, eram só autodidatas. Eu me formei não foi na área de Sociologia, na área de Humanas, eu me formei na área tecnológica praticamente.

V.A. - Sei. Deixa eu só confirmar. Manoel Almeida, Lino de Almeida e Roberto Santos não tinham formação superior?

¹ O entrevistado bate uma palma.

G.L. - Não, não tinham.

V.A. - O único com formação superior nesse núcleo era o Senhor?

G.L. - Sim, sim.

[FINAL DO DISCO 1]

V.A. – Então, não sei se você tem alguma questão ...

A.P. – Então, eu queria acompanhar um pouco mais esse prosseguimento. Por que você se diz militante do MNUCDR e não do MNU?

G.L. – Não, porque eu peguei só alguns meses disso depois que ele se institucionalizou enquanto única entidade porque o MNUCDR não tinha formalidade institucional. Era um Movimento Negro, tanto é que todas as organizações estavam dentro dele. Talvez a primeira tentativa de uma central de entidades, que foi o MNUCDR. A partir do momento em que ele se constituiu em uma entidade nacional e não em um movimento; em uma central de entidades, eu fui me afastando um pouco. Tive algumas divergências internas, aproveitei para ir para uma outra militância e depois só retomei essa concepção de central de entidades com a criação da Conen. Aí eu volto a participar de mais um momento histórico que é a criação da Conen em 1991, em São Paulo, com o primeiro Enen, com oitocentos delegados. Aí foi um impacto – do ponto de vista histórico tem esse momento da criação do ato público em São Paulo – mas do ponto de vista de impacto, eu considero que a criação da Conen, ela terminou sendo mais impactante porque pegou uma outra realidade e pegou também um legado de organização negra no Brasil em um estágio bem mais avançado. Então por isso oitocentos delegados. A primeira assembleia do MNUCDR, no IPCN, no Rio de Janeiro, no máximo ocupou aquele salão do IPCN, então digamos aí: estourando cem pessoas. Em termos de volume de presença política é bem inferior; agora do ponto de vista do simbolismo de retomada da luta é um peso bastante considerado.

A.P. – Mas nesse momento em que sai do MNUCDR o Senhor continua no Núcleo Cultural Afro-Brasileiro?

G.L. – Não, aí não. Eu já estava mais ligado ao Malê, Cultura e Arte. Eu estava mais afinado com o pessoal do Malê, Cultura e Arte. Participava das reuniões ...

V.A. – Que era quem esse pessoal do Malê?

G.L. – Lino de Almeida também era do grupo Malê, Cultura e Arte.

V.A. – Por que esse pessoal?

G.L. – Na verdade, foi a necessidade de criar uma vertente afinada com algumas ideias mais diferenciadas de que apenas aquela do Núcleo Cultural que ... onde o peso era muito grande nessa questão do estudo, da capacitação, da análise, da reflexão sociológica da realidade e para uma atuação onde se aproximasse mais da periferia, das populações mais periféricas; então nós estávamos já tentando – a partir do Malê – puxar para a militância mais consequente, ao nosso ver, que eu digo mais politizada e mais confrontante com o poder opressor; puxar para cá as entidades culturais. E aí, por exemplo, nós passamos a frequentar alguns blocos afro. Eu, em um determinado momento dessa militância, aí já bem mais próximo ... por exemplo, em 1984 eu já estava com um grupo dentro do Malêdebalê, que é o bloco afro; não confundir com Malê, Cultura e Arte. Então hoje a minha entidade – Núcleo Cultural Niger Okan – que é a que eu estou hoje, que nós estamos hoje, essa entidade nasceu primeiramente como um núcleo de debate político dentro do Malê Debalê, que é um bloco afro de Salvador, um dos grandes blocos afro de Salvador.

V.A. – O que quer dizer Malê Debalê?

G.L. – Olha, na verdade Malê Debalê é uma palavra que eles terminaram criando porque tem uma palavra no candomblé que chama *dibalé*, por exemplo Ogum Dibalé, Iansã Dibalé e o malê em homenagem ao movimento, à revolta dos malês.

V.A. – Isso [o malê] eu imaginei, mas agora o *dibalé*...

G.L. – É uma palavra ligada a um tipo de orixá voltado para uma realidade específica das relações dentro do *panteon*. Então ele tem uma característica específica.

V.A. – Certo. E aí hoje em dia a sua entidade chama-se Núcleo Cultural ...?

G.L. – Niger Okan.

V.A. – O que quer dizer Niger Okan?

G.L. – Niger na verdade é uma palavra do latim que significa negro. Chega à África essa palavra e dá nome a um país. Na verdade, a um rio, que conseqüentemente, dá nome a dois países: ao Niger e à Nigéria.

V.A. – E Okan?

G.L. – Okan significa ... tem três significados. É uma palavra iorubana. Significa coração, consciência e espírito. Então, na verdade, Niger Okan significaria coração, consciência e espírito negro.

V.A. – Então, aí o Malê, Cultura e Arte a ideia ir para as comunidades e participar de movimentos culturais e ...

G.L. – Passar a trazer por um debate político mais contundente e uma ação – não só um debate – uma ação política mais contundente àqueles que estavam organizados enquanto negros, mas apenas do ponto de vista da sua performance cultural; do ponto de vista da sua luta enquanto estética cultural, entendeu? Então, nós estávamos tentando – aí começamos a nos aproximar inclusive do próprio Ilê Aiyê. Só para você ter uma ideia desse fato e dessa nova direção que o Malê, Cultura e Arte toma no Movimento Negro baiano e que se constitui também esses grupos, começam a se proliferar, se constituem em um determinado Movimento Negro baiano, que cria, inclusive, parte de um grupo que terminou congregando

inicialmente essas outras organizações que se chamava Negro, Grupo Negro e esse povo: “mas Grupo Negro, se tem outros grupos e tal, como é que fica?” Então terminou se caracterizando como Movimento Negro Baiano; e esse conjunto de Movimento Negro Baiano nessa nova ação puxada mais pelo Malê, Cultura e Arte de começar a se aproximar daqueles que estavam na periferia, mas sem essa identificação de ter um inimigo comum, de uma luta mais organizada e mais contundente nessa linha de confronto com o sistema é ... puxando para cá, ele começa também a enfrentar uma série de resistências e problemas. Abdias [do Nascimento] quando esteve na Bahia para fazer essa militância junto com a gente em alguns momentos, nós – por exemplo - levamos ele até ao Ilê Aiyê e não subiu para falar porque não era permitido, existia uma certa resistência dessas entidades culturais, mais performáticas do carnaval, de se aproximar desse outro tipo de militante que era chapa marcada no confronto com a ditadura militar. Então Abdias foi porque era um ensaio na rua (o Ilê hoje tem a sede, mas antigamente ensaiava na rua, no terreno baldio) e das várias vezes que nós fomos lá: “oi, como vai?” Mas não tem possibilidade de se aproximar porque estão falando com elementos perigosos.

V.A. – Em que ano que foi isso?

G.L. – Olha, isso 1978, 1979...

V.A. – Quer dizer foi já depois do Teatro Municipal lá de São Paulo?

G.L. – Ah sim! Já com o MNUCDR, já estávamos assumidos com o MNUCDR, então vários momentos tivemos esse problema de ... “Ah! O Abdias aqui presente, figura importante do Movimento Negro Internacional!”, mas ... hoje certamente a mentalidade do Ilê Aiyê é outra, mas teve esse momento. Então quando alguém quer dizer: “Ah! Mas o Ilê começou o Movimento Negro Baiano”, isso não é uma verdade! Agora, começou a performance cultural, é uma referência importantíssima do ponto de vista do resgate cultural, da autoestima, é importante, mas agora, do ponto de vista dos postulados políticos jamais. Aí eu tenho que ser verdadeiro porque se eu estiver negando isto, estou negando a minha própria história, o quanto eu vivi na ditadura militar. Eu nunca vi por exemplo o Ilê Aiyê em uma passeata, agora nós enfrentamos cachorro, cassetete, bombas de gás e os “caramba a quatro”, preso ...

então não dá para mascarar essa realidade. Se hoje nós estamos mais próximos, é uma coisa a se elogiar, mas nunca tivemos lideranças ... nem só institucionalmente como individualmente enquanto lideranças desse conjunto, do lado de cá não. A primeira entidade que permitiu dentro disso uma organização mais politizada foi o Malêdebalê porque nós fundamos isso lá dentro. Quando nós nos aproximamos de lá, alguns militantes de lá que se aproximaram primeiro desse conjunto, com esse tipo de postura política, aí a recíproca foi verdadeira. Também se abriu uma porta para nós fundarmos um pé com um debate político mais contundente lá dentro e aí se formou o Niger Okan lá, que depois teve um racha político e a gente se afastou. Daí o Niger Okan ganhou um voo próprio, então a fundação do Niger Okan é dentro do Malê Debalê.

V.A. – Por que é que fundou dentro do Malê Debalê?

G.L. – Porque nós sugerimos e convencemos da importância de ter, além dos postulados carnavalescos e das ações de tarefas carnavalescas, ter a tarefa do debate político da realidade do negro, então fundamos ... como não é pertinente deixar diluído, fundamos dentro do núcleo para representar o debate dentro da entidade e para fora; mostrar a cara política da entidade para fora, mas depois as divergências - que não foram fundadas quando houve a separação – não fundadas nessa questão de divergir da presença, mas aí de divergências de como conduzir a entidade Malê Debalê. Então o Niger Okan tinha uma posição, os outros diretores que terminaram se sentiram superados, teve uma certa ciúmeira e aí o Niger Okan terminou se afastando em um momento de uma luta muito tensa, muita tensa inclusive, chegando às beiras da briga corporal.

V.A. – Quando vocês vão para as comunidades para tentar trazer ... isso é bem-sucedido? Vocês conseguem fazer?

G.L. – Sim, sim. Muitos dos que hoje tinham essa militância é ... que eu diria da ocupação do espaço cultural, da marca cultural negra que a Bahia tem e que eles ocuparam muito bem esse espaço, muitos desses que hoje estão mais próximos foi fruto desse momento que se iniciou nesse período; que hoje consegue aproximá-los mais desse discurso e dessa prática política mais temperada de um processo mais ideologizado politicamente. Não vou dizer nem se de

direita A, B ou C ou esquerda A, B ou C, mas mais ideologizado. E eu gostaria inclusive de no trabalho de vocês grifar um elemento que eu não sei se Amauri já pontuou para vocês. Eu diria que é fruto desse período da década de 1970 e 1980 a realidade de encontrarmos hoje a ausência quase que total de Movimento Negro de direita. Quando eu digo quase total, é claro que eu considero que pontualmente o quase me resguarda a possibilidade ... a regra ter a exceção, então tem lá em São Paulo o negro de direita do Afrobras, tem não sei o quê, tem o Reginaldo Germano, tudo bem, mas do ponto de vista de significatividade de Movimento Negro, ele teve e tem no seu currículo essa marca de ter que conduzir o Movimento Negro mais para um campo da esquerda, mais para um campo de um pensamento mais socialista do que de direita. Então hoje seria raro você encontrar alguma organização mesmo daquelas mais novas que se diga organização de direita atrelada ... por exemplo não se conseguiu ao longo de todo o processo os partidos de direita criar núcleos de negros internamente, até o PFL que tentou; partidos de centro ainda, mas os de direita; principalmente aqueles remanescentes da direita radical do passado, não. O PFL não conseguiu, o PTB não conseguiu, entendeu? Os partidos ... o PL não conseguiu, nenhum conseguiu. Quem conseguiu um pouco foi ... evidentemente quem começou mais isso, aí eu estou falando mais já da presença do Movimento Negro no partidarismo foi o Brizola evidentemente dentro do PDT. O PDT foi o primeiro a pontuar, até porque Brizola enxergava mais rapidamente, enquanto um cara do contexto da organização política partidária, então ele ... Lula até hoje ainda tem essa dificuldade, mas Brizola evidentemente foi talvez o mais objetivo e quem mais refletiu sobre a questão e também elaborou politicamente. No meu entender você passa a conhecer como é que a questão racial é ... passou a ser sanguínea em um ser político quando ele elabora e não quando ele apenas repete; não quando ele apenas cria um espaço para você ir falar, mas como ele elabora e formata o discurso político. Então o Brizola fez isso formatado, o que nós não vemos hoje – por exemplo – em nenhum outro político que venha do campo da esquerda para formatar dessa maneira, eu não vejo. A não ser aqueles negros que a gente conseguiu elaborar. O Paim hoje é recente de elaborar discurso político, então enquanto negro é mais fácil para ele hoje elaborar, mas eu não diria que Lula elabora bem politicamente dentro da questão racial. Ele não entende bem, agora sanguineamente acho que ele ... aí tem que dar-se crédito: Brizola foi e o PDT foi primogênito nessa questão. Abdias inclusive foi para o PDT como fruto disso, fruto dessa identidade.

A.P. – Mas por que não conseguir, não se fundam **[inaudível]**?

G.L. – Eu acho que é a visão ultrapassada da esquerda, do socialismo de que todas as questões se resolvem dentro da instalação de um processo socialista que não se resolveu em Cuba. Não se resolveu em Cuba e não se resolveu também em todo o processo do espaço que a esquerda – o Brasil não se tornou socialista –, mas tudo que a esquerda conquistou de espaço político não se resolveu também, na mesma proporção que eles conquistaram politicamente, em termos de espaço a questão racial. Você não vai ver hoje ... vai ver Tarso Genro dizendo que a cota é problemática, esse negócio de cotas tem que olhar melhor e tal. Então, um cara com toda a trajetória de esquerda: foi preso, enfrentou a ditadura militar e tudo, mas não avançou nisso, não avançou, então todo o espaço construído e que se tem hoje foi o Movimento Negro que construiu esse espaço. O que a gente formatou de militância negra e do pouco que conseguiu convencer a militância de esquerda não-negra de que essa luta é importante foi o Movimento Negro que fez. Não ter surgido movimentos negros significativos de direita foi fruto desse balizamento e aí não se dá esse crédito ao Movimento Negro cultural. Isso eu digo nas vistas de qualquer um e não tenho dúvidas disso! O Movimento Negro cultural não foi quem criou os alicerces para hoje nós termos a maioria da militância negra claramente identificando os postulados de direita com seus inimigos. Nós temos até divergências entre nós, mas as divergências, ambas são no campo de uma posição à esquerda, de uma posição que não se caracteriza à direita.

V.A. – Eu queria só uma questão de data aqui. O Senhor fundou ... participou da fundação do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, em 1977, passou pelo Malê, Cultura e Arte, aí malê, Cultura e Arte acabou e virou Malê Debalê? Como é que foi isso?

G.L. – Não, Malê Debalê aí ... porque eu não estou tratando dessa questão do Movimento Negro mais cultural porque eu não vivenciei tanto o Movimento Negro do campo da performance cultural que se instalou na Bahia e aí vocês podem marcar de fazer entrevista para saber como é que surge o Malê Debalê, como é que o bloco afro surge na Bahia, como é que influi no Rio ... por isso que eu digo tem que ver qual é o contorno da sua pesquisa e aí outra pessoa tem que contar essa história porque eu não vivi essa história. Eu frequentei, é diferente de ter vivido e participado visceralmente disso! Eu participei visceralmente do

Movimento Negro político, do outro, eu participei próximo! O mais dentro que eu estive foi dentro do Malêdebalê porque chegamos a criar uma organização, um núcleo lá dentro, que terminou se transformando em uma organização que hoje ...

V.A. - Responda-me só à questão de data então. Malê, Cultura e Arte em 1977 continua existindo ou se extinguiu?

G.L. – Depois se extinguiu, ele some. Dissolve-se, alguns militantes vão para fora, para outros estados e aí começa a desacelerar o processo da presença no Movimento Negro do Malê, Cultura e Arte e aí fica com o nome esquecido, dois ou três militantes ainda tenta recuperar, mas aí some do universo. Aí começam a surgir daí uma série de outras organizações.

V.A. – Eu queria que o Senhor desse só a trajetória.

G.L. – Depois do Malê é Niger Okan. Depois do Malê, Cultura e Arte ... aliás não, desculpe! Aí eu estou cometendo uma gafe cronológica. O Malê foi antes da criação do próprio Movimento Negro Baiano e, conseqüentemente, antes do ato de São Paulo.

G.L. – Bom. Depois que o Malê ...

V.A.– Antes?

G.L.- Antes do ato de São Paulo. O Movimento Negro ... todo esse processo de construção do Movimento Negro Baiano se deu antes do ato de São Paulo e continuou ao longo da fundação inclusive do MNUCDR.

V.A. – Está. E aí depois do Malê, Cultura e Arte, em 1977, quando ele foi mingando, o Senhor foi para onde?

G.L. – Sim. Depois do Malê ...

V.A. – Foi para o Niger Okan?

G.L. – Não, quando se instala o MNUCDR, eu passo a ser um militante do MNUCDR, que era uma frente de entidades e aí enquanto Movimento Negro Baiano ...

V.A. – Mas aí [inaudível]?

G.L. – Entenda bem! Enquanto Movimento Negro Baiano eu pertencço ao MNUCDR, enquanto Movimento Negro Baiano, aí saindo do patamar de ... se extingue o MNUCDR, quer dizer, é ... e passa a ser MNU, eu levo um tempo mais enquanto MNU, me afasto e vou para o Malê Debalê, onde se cria dentro dele o Niger Okan.

V.A. – Está certo. Então o Malê Debalê já existia e o Senhor ingressa?

G.L. – Sim, claro. O Malê Debalê é de muito antes. Eu já chego com ele, ele já existe, eu não sou fundador do Malê Debalê ...

V.A. – Está. Mas o Senhor é fundador do Niger Okan?

G.L. – Sim.

V.A. – Quando? Quando que isso ocorre?

G.L. – Isso ocorre em 1974.

V.A. – Em 1974? E é essa a sua entidade até hoje?

G.L. – É a minha entidade até hoje.

V.A. – Está certo.

G.L. – Que agora é filiada à Conen, Coordenação Nacional de Entidades Negras.

V.A. - E outra coisa que eu queria perguntar. O Senhor tinha falado que vocês participaram de passeata, com bombas de gás, que **[inaudível]**...

G.L. – Sim, sim!

V.A. - Essas passeatas foram exatamente o quê? De Movimento Negro?

G.L. – Não, não. Passeatas ... tivemos passeatas de Movimento Negro, tivemos passeata de Movimento Negro a partir da instituição do Dia Nacional da Consciência Negra, que foi logo após a assembleia do Rio de Janeiro, nós começamos a criar atos específicos da população negra, mas enquanto movimento aliado ao processo de esquerda nós participávamos das grandes passeatas de enfrentamento da ditadura militar enquanto negros e aí entrávamos em todo esse processo da repressão dura, então a pressão se abatia tanto quando nós realizávamos os atos específicos quanto nos atos gerais de esquerda.

V.A. – Os atos específicos do Dia da Consciência Negra?

G.L. – Do Dia da Consciência Negra e outros atos. Por exemplo: nós contestamos a relação do Brasil com a África do Sul na época do *apartheid* e o Mandela preso e nós fizemos um ato do Movimento Negro dentro ... na porta de uma empresa de turismo que fazia pacotes turísticos do Brasil para a África do Sul. Então nós dizíamos que não concordávamos com aquilo, que não devia ter ... então fomos lá, fechamos a empresa, invadimos ... como era dentro da ditadura militar nós recebemos toda a repressão de movimento que estava levantando a bandeira da questão do racismo no Brasil. Cano para todo mundo, então todos os líderes foram presos pela ditadura militar.

A.P. – Você foi preso?

V.A. – Quando foi isso?

G.L. – Isso eu não sei ... não me lembro agora exatamente a data, mas isso foi, deixa eu ver aqui 1978, 1979.

Isso foi em 1980.

V.A. - E você chegou a ser preso?

G.L. - Sim, sim. Fomos todos para a Polícia Federal. Ficamos em cana lá durante bastante tempo.

V.A. – Quanto tempo?

G.L. Levamos um mês mais ou menos presos lá e aí sumiram, depois nos liberaram e aí...

A.P. – Mas essa informação é importante porque é o primeiro registro que a gente tem de alguém preso por fazer militância contra a ... com relação à questão racial.

G.L. – Ah! Com repressão, ser perseguido, ser ameaçado; isso foram muitas, agora preso foi nesse período. Nós fizemos uma contestação dura e todas as principais lideranças foram em cana.

V.A. Contra uma agência de turismo **[inaudível]**?

G.L. – Que fazia pacotes de turismo. Ficava na região da estação rodoviária.

V.A. – O Senhor se lembra o nome da agência?

G.L. - Ah, não lembro não. Tenho em casa, mas agora não lembro não.

A.P. – Isso deu matéria de jornal?

G.L. – Rapaz, não, não deu matéria, não. Não sei se deu matéria de TV alguma coisa assim, mas de jornal eu não me lembro se eu comprei ... pesquisei em jornal sobre isso. Agora que eles chamaram a Polícia Federal, baixou e cana para todo mundo.

V.A. – E quem é que estava junto nesse ato?

G.L. – Olha, estavam praticamente esses líderes que eu falei, quase ... eles, estavam todos eles nessa ... esses que eu citei para você.

A.P. – Roberto Santos, Lino de Almeida ...?

G.L. – Todos esses estavam lá contestando.

A.P. – Todo mundo preso?

G.L. – Todo mundo em cana. Cada um foi liberado em períodos diferentes e também entrevistados diferentemente, interrogados diferentemente.

A.P. – Como é que foi o processo com você?

G.L. – O processo comigo foi ... e o pior é que o seguinte nesse período meu irmão era Polícia Federal **[riso]** e eu conhecia também um amigo de um amigo meu que era da Polícia Federal e que se recusava a se envolver porque não queriam se comprometer com o processo. O interrogatório foi duro, como todo interrogatório psicologicamente torturador! Não chegaram à violência física, à ameaça, sim. Diziam: “quem são os caras?”, “você está recebendo de quem?”, “estão influenciados por quem?”, “quem são os seus grandes mentores?”. Então era para você entregar gente porque eles estavam caçando e na época o chefe da Polícia Militar era um tal de Luiz Arthur, extremamente violento e repressor; era o Coronel Luiz Arthur.

V.A. – Mas foi a Polícia Federal, não é?

G.L. – Mas era o Coronel que era o ...

V.A. – Porque a Polícia Federal em princípio, ela é uma outra instituição, não é a Polícia Militar.

G.L. – Sim, sim, mas era o Coronel do Exército que comandava a Polícia Federal na época.

V.A. – Está. Então ele não era o chefe da Polícia Militar, ele era do Exército?

G.L. – Não, ele não era da Polícia, ele era do exército e que comandava na época a Polícia Federal aqui na Bahia. Então era o Coronel Luiz Arthur, conhecido como grande torturador.

V.A. – Mas chegou a haver processo?

G.L. – Sim, ficou no interrogatório, depois como eles não conseguiram nada e tinha que manter você lá e o processo de alvo principal dele eram algumas outras lideranças que estavam mais listadas para serem procuradas – não éramos nós, nós temos que entender essa realidade – então no caso foi liberando em tempo diferente cada um. Uns com uma semana, outros com quinze dias.

V.A. – E o Senhor ficou um mês?

G.L. – Mais de um mês.

V.A. – E os alvos seriam o quê? Pessoas mais envolvidas ...

G.L. - Não, eles tinham uma lista de procurados. Nós não estávamos nessa lista. Nós éramos visados por um movimento político, nós não estávamos na lista do ... poxa! Podia até estar – porque também não tínhamos acesso à informação desse tipo – mas eu acho que tinham lideranças que para ele, para a captura eram mais importantes do que nós, tanto é que eles queriam que a gente dissesse “quem era que está por trás?”, “quem são os seus líderes?” e tal. Então ... pelo menos eu não entreguei ninguém, não sei se os outros entregaram **[risos]**.

V.A. – Além dessa manifestação houve outras que o Senhor se lembre **[inaudível]** de ter havido a repressão?

G.L. – Olha, de prisão essa é a referência.

V.A. – Mas repressão?

G.L. – Mas de repressão muitas outras. Passeata de Movimento Negro eles diziam assim: “daqui não passa!”. A passeata só vai até aqui e daqui se passar é cachorro, porrada, tapa então dissolvia mesmo; dissolvia e a gente tinha que dar no pé senão era ... **[interrupção por Verena]**

V.A. – Daqui era da onde?

G.L. – Bom porque a passeata se dá ainda hoje historicamente do Campo Grande para o centro do poder, que na época não tinha nem o centro administrativo; então o poder era o centro da cidade: Elevador Lacerda e tal, onde estava ...

V.A. - Elevador Lacerda?

G.L. - É, o Elevador Lacerda, o palácio do governo, a prefeitura, então era tudo ali. A passeata sempre se dá, sempre se deu historicamente do Campo Grande para lá, então como ele sabia que, cada vez que a passeata se avolumava, se aproximava do lugar que eles não queriam porque era o momento onde você ia lá para fazer processo de constrangimento de poder, então eles vetavam assim: “não vai, não vai, não vai!” Quando chega [eles diziam]: “Oh! Daqui o comandante não deixa passar!” E aí era empurra para lá, passa, não passa e tal, e aí cachorro da Polícia Militar, tudo em cima da gente e não deixava passar. Aí quem era mais ousado porrada, cassetetada. Muita gente tomou porrada, muita gente tomou cassetetada, acidente, ferimento, tudo isso. Isso aí a violência se abateu violentamente.

A.P. – Você se machucou em alguma?

G.L. – Sim, sim, muito! Cassetetada, de subir galo na cabeça. Eles tinham um negócio que ainda tem hoje, que é ... quando se criou logo ... chamava-se Fanta porque dizem que foi na época que surgiu a própria Fanta, a irmã da Coca-Cola, então foi um negócio ... era assim, afinava, tinha uma cabeça ... então os caras batiam com violência, onde batia era hematoma na certa. Com muitos houveram esse problema de acidente, a gente teve que curar muitos companheiros mesmo.

A.P. - E em 1988? Como é que se dá aqui na Bahia o centenário?

G.L. – Oh! O centenário da abolição aqui é de contestação. Nós estávamos em processo – que eu acho que é uma das vitórias do Movimento Negro – de negar o 13 de maio como uma data de referencial para a população negra. Eu digo que o Movimento Negro enterrou a Princesa Isabel em definitivo como referência para a população negra e diria o seguinte: mesmo a população mais alienada ou mais despolitizada, mesmo para essa hoje você não vê comemorações do 13 de maio. Então eu acho que destruir esse mito de princesa Isabel como redentora eu acho que foi um papel importante para o Movimento Negro, elegendo uma outra referência: Zumbi dos Palmares e uma outra data como data referencial [20 de novembro] que é uma data que gera mais autoestima, é uma data de luta e não uma data passiva, de alguém salvadora da alma da população negro do corpo que veio e fez isso. Então nos encarregamos disso. O centenário foi um momento que nós fizemos isso com muita contundência. A Globo – eu me lembro na época – a Globo e o governo brasileiro tentou fazer no Brasil uma série de comemorações e conseqüentemente conquistou uma parte do público negro que ainda não tinha essa visão de negação do 13 de maio. Então nós fizemos um movimento muito forte aqui e atrapalhamos muitas dessas comemorações do tal do centenário da abolição em 1988. Uma das pessoas que veio aqui ajudar nesse processo foi Lélia Gonzalez. Lélia Gonzalez foi uma das matronas da formação da consciência negra no Brasil e em particular na Bahia. Ela vinha de uma militância mais preparada, mais alicerçada e aí ajudou e muito aqui esse processo. Abdias também evidentemente. Abdias com um discurso bastante radicalizado então conduzia aqueles que queriam caminhar nessa raia a enfrentar com mais predisposição isso e nós atrapalhamos bastante. Então o centenário da abolição aqui foi pontuado por um processo de corrosão nossa. Aconteceu, aconteceu porque

tinha uma estrutura de governo, debates, seminários e a gente conseguiu atrapalhar bastante e botar a nossa marca na concepção sobre o 13 de maio. Então para mim essa é uma das grandes vitórias do Movimento Negro, além dessa que eu lhe falei de ter conseguido se evitar de criar uma direita negra contundente no Brasil e a terceira, que eu considero mais importante é a derrubada do mito da democracia racial; desmoralizar ao ponto de Fernando Henrique [Cardoso] em seu primeiro governo ter que chegar na Serra da Barriga e admitir que o Brasil é um país racista. Antes dele, ninguém tinha ... nenhum dirigente mandatário teve a coragem de dizer isso. Sempre negavam: “não! Um país ...!” Nelson Mandela quando veio a primeira vez no Brasil – eu participei dessa coordenação – veio ainda com essa concepção quando ele já estava fora da prisão, então ele veio com essa concepção de que aqui era um modelo de democracia racial. Nós tivemos sérias discussões com ele porque ele chegou a falar sobre isso em um dos discursos.

A.P. - Interessante. Quando? Em 199 e?

G.L. - Aqui. Qual foi? Porque eu me confundo sempre com a vinda de **[inaudível]** que também veio. Não me lembro, agora eu não me lembro qual foi a data de Mandela porque ele fez um percurso no Brasil e na Bahia ele esteve também e veio com esse discurso ainda da famosa democracia racial. Então eu acho que uma das vitórias do Movimento Negro no Brasil foi acabar com esse mito de que era um país modelo, de que as raças conviviam harmonicamente.

V.A. – O Senhor estava falando agora que a gente teve dificuldade de se encontrar, de agenda e tudo porque vocês dois estavam trabalhando em um trabalho de quilombos, não é? Então eu fiquei curiosa para saber o que é que o Senhor está trabalhando e gostaria que - se fosse possível – se o Senhor pudesse dizer que tipo de trabalho o Niger Okan tem feito desde 1984. Isso é ... 1984 já são mais de vinte anos, não é isso? Então o grupo ... qual é o tipo de ação política?

G.L. - Bom, como era o tom do período, o período da década de 1980, final da década de 1970 ... eu digo que o Movimento Negro passou por várias fases: uma fase negociatória, uma fase contestatória ... eu acho que ele passou hoje para uma fase mais propositiva e dentro

dessa fase propositiva eu diria que o Movimento Negro se divide além de estar propondo também realizando coisas ao lado de todo o compromisso histórico, ao qual esse a gente não se afasta de formação da consciência política negra e formação da cidadania negra e da autoestima que leva ao orgulho do ser negro. Eu acho que isso será uma bandeira eterna para o Movimento Negro. Então o Niger Okan passou por isso e também migrou para isso. Hoje o Niger Okan é uma organização que aplica na sua militância não só o seu compromisso de postulados de concepção político ideológica, mas também de construir resultados de melhoria de qualidade de vida da população negra e trabalhando sempre nessa vertente da comunidade negra e na comunidade negra mais periférica a gente abraçou, há uns dez ou quinze anos, a luta das comunidades negras da área rural e dentre elas as comunidades remanescentes de quilombos e já levando aí nessa aproximação não apenas um trabalho de formação da consciência, um trabalho mais teórico, mas levando um trabalho também de construir algo que melhorasse a qualidade de vida. Então hoje nós estamos trabalhando efetivamente com o desenvolvimento de comunidades sem a possibilidade de nos confundir com trabalho filantrópico. Nós não admitimos a qualificação de sermos enquadrados enquanto trabalho filantrópico ou qualquer outro adjetivo similar. Nós entendemos que o nosso trabalho continua sendo a preocupação com a mente, a construção da mente libertária, com a construção do processo de cidadania negra específica, de independência, de não atrelamento a sistemas opressores, de não submissão, de não se permitir a cooptação, então nós fazemos esse trabalho. Agora, entendendo que hoje é complicado você fazer esse trabalho de chegar em uma comunidade, trabalhar todo esse arsenal de postulados e teorias políticas e ao lado você está encontrando uma miséria e esperando que eles possam resolver sozinhos o problema da miséria, **[inaudível]** uma consciência negra, mas como a barriga vazia, a fome e a miséria conseguem conviver com a consciência negra de cinco estrelas? Então você está extremamente consciente da sua visão, mas não consegue trabalho, comida, etc. Hoje nós fazemos esse trabalho de, ao mesmo tempo que trabalhamos a consciência negra, a cidadania negra, fazer também o trabalho de levá-los a equacionar o problema dentro dessa realidade que vive hoje o país: de desemprego, de êxodo rural. Essas populações que nós temos encontrado hoje no interior da Bahia, o êxodo, em algumas comunidades vai para mais de cinquenta por cento, então mais de cinquenta por cento dessas comunidades estão nas grandes cidades: São Paulo, Bahia, as cidades que eles bem escolhem para tentar uma vida e não conseguem porque geralmente chegam em um estado de condição de competir no campo do

emprego bastante inferiorizado. Então nós estamos fazendo um trabalho com o quilombo de fazer retornar esses que saíram pelo êxodo rural, fixar aqueles que começam a chegar na juventude, não têm a oportunidade de estudar e aí deixam de estudar porque a família necessita de uma melhor condição de vida e termina saindo. Então é evitar o êxito e retornar as pessoas que foram atingidas pelo êxodo rural. Nós temos ...

V.A. – Como?

G.L. – Nós estamos implantando um trabalho social. Então nós hoje vamos buscar recursos **[inaudível]** perdido e aplicamos. Hoje por exemplo na Chapada Diamantina nós estamos instalando ...

V.A. – Chapada Diamantina?

G.L. – Na Chapada Diamantina. É uma região onde tem cinquenta e cinco comunidades quilombolas, distribuídas em trinta e três municípios. Hoje a militância se estabelece com um formato diferenciado do que a gente fazia vinte, trinta anos atrás porque nós achamos que é importante - sem abrir mão – porque senão você termina sendo filantrópico e não adianta encher a barriga e não encher a cabeça, a nosso ver, de elementos necessários a trabalhar a sua cidadania, então entendendo isso, nós estamos trabalhando, estamos implantando na Chapada Diamantina projetos de geração de emprego e renda, fazendas de criação de, por um lado, de frango e galinha caipira, estamos com uma fazenda de criação de avestruz, que é uma ousadia inclusive muito grande porque hoje é uma coisa que está sendo disputada pelos grandes empresários. Nós resolvemos entrar aí e estamos criando pequenas fábricas e hoje a maior fábrica que estamos montando é a fábrica de fabricação de geleias, doces, polpas de fruta, frutas cristalizadas e frutas desidratadas, então estamos gerando nessa questão. Na Chapada Diamantina, nós estamos com a previsão de setenta e quatro projetos de geração de emprego e renda e aí estamos buscando dinheiro para isso. Então é isso, essa é a nossa missão hoje na militância.

V.A. – E fora esse projeto da Chapada alguma coisa aqui pela área de Salvador?

G.L. – Sim. Na Chapada, na área rural é isso e na periferia de Salvador também. Nós temos aqui no bairro da Paz um projeto de geração de emprego e renda para mulheres. É uma invasão, uma favela – como se diria no Rio de Janeiro – é uma favela que é uma situação de marginalidade, de situação de sobrevivência muito difícil, então nós damos apoio a um grupo de mulheres e damos apoio a outros grupos aqui na periferia de Salvador nessa condição do trabalho político atrelado à possibilidade de geração de emprego e renda.

V.A. – Quantas pessoas trabalham no Niger Okan?

G.L. – O Niger Okan ele tem filiadas muitas pessoas, mas efetivamente alocando horas no trabalho social, quatro pessoas.

V.A. – O Senhor ...?

G.L. – Ele [André Nascimento] e mais duas pessoas. Na verdade, seis, outros dois estão mais afastados porque optaram por outras atividades. Em torno de seis pessoas são as pessoas que estão hoje envolvidas nos projetos de geração de renda e conseqüentemente tem que alocar mais horas nessa atividade. Agora têm outros filiados que vão só em momentos de assembleia ou de um debate político específico. Então esse é o misto do Niger Okan.

A.P. – Está ótimo.

G.L. – Está bom?

V.A. – Está.

A.P. – O Senhor quer dizer mais alguma coisa?

G.L. - Eu acho que para mim o trabalho dessa natureza ele é importante, nós precisamos estar registrando, eu acho que trabalho semelhante ao que fez Januário Garcia que terminou ficando um pouco zangado comigo porque eu não pude escrever uma página do livro dele, mas foi porque eu estava envolvido nesse trabalho e, como prioridade é prioridade, na

prioridade alguma coisa fica sacrificada. Eu tive que sacrificar o livro, a página que me foi oferecida no livro de Januário Garcia. Então, eu acho que um trabalho dessa natureza ele resgata e traz para a juventude que não vivenciou essa história mais atualizada do Movimento Negro dos últimos anos, dos últimos trinta anos, vamos dizer assim, então quem não vivenciou, porque até nasceu em épocas mais recentes, acho que um trabalho dessa natureza leva para a juventude um alicerce muito grande para a sua formação de militância e evidentemente para que eles possam reproduzir também para os seus sucedâneos. Acho que é um trabalho importante que tem que se tomar cuidado porque, às vezes, se você não faz isso de uma forma bastante ética você pode até prejudicar ao invés de construir algo positivo. Então eu acho que tem que ter bastante ética nesse processo de ser verdadeiro na coleta da informação, na transmissão da informação para que a gente não tenha distorções e até negações. É, falar por exemplo, da vida de um Hamilton Cardoso, um dos caras mais importantes que eu considero na formação do Movimento Negro no Brasil, ele não conviveu comigo aqui na Bahia, mas convivemos dentro dessa questão do MNUCDR, então Hamilton Cardoso é algo que não pode ser esquecido ao longo da história. A juventude que, por exemplo hoje ... principalmente a juventude que se considera mais politizada como a juventude *Hip Hop*, a juventude do *Reggae*, que se aliou ao conjunto da juventude na área – digamos assim – da mixagem da política com cultura, são as duas mais expressivas hoje; ela não pode imaginar que tudo está começando agora. Ela tem que entender e saber que para estar hoje por dentro até verbalizar algumas bandeiras de luta existiu alguém que teve que sofrer. Assim como nós também da década de 1970 temos que entender que lá os quilombos no passado, lá a Frente Negra, lá o Teatro Experimental do Negro (TEN) das décadas anteriores construíram algumas escadas, alguns pilares para a gente poder enxergar do outro lado do muro. Eu acho que um trabalho dessa natureza é importante para gente estar, na verdade, construindo o arsenal e o potencial a ser utilizado pelas gerações vindouras.

V.A. – Muito bem! Perfeito! Que bom!

G.L. – Obrigado. **[Risos]**

[FINAL DO DEPOIMENTO]